



## REDES E DESCENTRALIZAÇÃO DO PODER: reflexões artísticas sobre uma sociedade mais igualitária e democrática

*Júlia RINALDI*<sup>35</sup>

*Tarcisio Torres SILVA*<sup>36</sup>

**RESUMO:** Esse artigo aborda os recentes movimentos de difusão de redes e do contato entre pessoas que contraria a centralização do poder e o modus operandi da sociedade disciplinar. A partir do trabalho de três artistas – o dramaturgo David Edgar, o escultor Al Anatsui e a performer Priscilla Davanzo –, busca-se entender o incomodo gerado por essas imposições remanescentes do colonialismo e do imperialismo europeus e as alterações que elas vêm causando. O estudo propõe que os movimentos em rede, e a arte como um sintoma desses movimentos, podem ser um caminho para uma sociedade mais igualitária e verdadeiramente democrática.

**PALAVRAS-CHAVE:** arte, descentralização, rede, sociedade disciplinar, liberdade.

**ABSTRACT:** This article discusses the recent movements of networks diffusion and the contact between people that opposes the centralization of power and the modus operandi of the disciplinary society. Taking as examples the work of three artists - the playwright David Edgar, the sculptor Al Anatsui and the performer Priscilla Davanzo – this work tries to understand the discomfort generated by these remnant impositions of European colonialism and imperialism and the alterations they have been causing. The study proposes that network movements, and art as a symptom of these movements, can be a path to a more egalitarian, liberal and truly democratic society.

**KEYWORDS:** art, decentralization, network, disciplinary society, freedom.

### 1. Introdução

---

<sup>35</sup> Mestranda do programa em Linguagens, Mídia e Artes da PUC-Campinas. Graduada em Publicidade e Propaganda (PUC-Campinas). E-mail: jcrinaldi@outlook.com; telefone: (19)97747877

<sup>36</sup> Docente do Centro de Linguagem e Comunicação e do mestrado em Linguagens, Mídia e Arte da PUC-Campinas. Doutor em Artes Visuais (Unicamp) com período de estágio no departamento de Estudos Culturais, Goldsmiths College, Universidade de Londres. Email: tartorres@gmail.com; telefone: (19)996317482

Ao longo da história, muitos povos foram colonizados e subordinados a um regime de dominação e desvalorização do local. A ideia da soberania ocidental vigora até hoje em alguns discursos e preconceitos, mas parece não fazer sentido na realidade atual. A sociedade vertical, com um poder centralizado e figuras soberanas, patriarcal, que impõe uma cultura sobre a outra, um modo de vida sobre o outro, uma política sobre as outras, parece cada dia mais insustentável.

Até o início do século XX, na sociedade disciplinar descrita por Foucault, as instituições eram muito fortes, as pessoas estavam submetidas à família, à escola, aos hospitais, aos presídios. Centrava-se, segundo o autor:

(...) no corpo como máquina: no seu adestramento, na ampliação de suas aptidões, na extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos tudo isso assegurado por procedimentos de poder que caracterizam as disciplinas: anátomo-política do corpo humano. (FOUCAULT, 2017, p. 150).

Pode-se estabelecer uma relação entre a dominação das instituições, discutidas por Foucault a partir do século XVII, e o avanço europeu com as grandes navegações do século XV: a igreja e a força dos países da Europa se sobrepunham aos costumes, crenças e culturas de outras localidades e o povo desses espaços deveria participar dos seus hábitos. Participar e não fazer parte, os colonizadores impunham seus meios de vida como superiores e que os povos colonizados deveriam praticar sua cultura, mas nunca seriam incluídos nela.

As instituições podem ter atenuado as diferenças individuais, já que influenciaram o modo de pensar durante séculos e moldaram padrões de saúde, educação, segurança e comportamento que influenciariam as pessoas de uma nação. Aquelas também estabeleciam fronteiras sólidas e bem determinadas, tanto em seus espaços físicos quanto às nações as quais pertenciam. Após o período do imperialismo, da superioridade das raças, das nações e da força das instituições, as pessoas passam a ver o outro como diferente, para melhor ou para pior.

O imperialismo europeu a partir do século XIX também foi responsável pela reafirmação dessas imposições. Algumas teorias raciais europeias justificavam a soberania dos países que apresentavam uma evolução industrial, de acordo com o evolucionismo social, a Europa seria civilizada e poderia dominar povos “bárbaros” ou “primitivos”, expandindo sua dominação territorial na África e na Ásia em busca de mão de obra e matéria prima.

Porém, esse sistema centralizado e dominante passa a ser questionado. Os povos passam a valorizar suas próprias culturas e tradições e tendem a não aceitar passivamente a imposição de cultural e de ideias propostas pelo capitalismo clássico. No século XX, as instituições começam a entrar em crise. A insatisfação com o modo de organização social e o desenvolvimento do capitalismo fomentavam lutas de classe e movimentos sociais.

Se por um lado o poder exercido pelas instituições se enfraquece, por outro surgem novos instrumentos de dominação que vão levar em conta os dados sobre as pessoas na chamada “sociedade de controle” (conceito de Deleuze aqui abordado a partir da obra de Foucault), em que toda movimentação de corpos, fluxos financeiros e dados poderiam ser monitorados e controlados pelo Estado. A sociedade de controle prevê uma dominação completa do homem, seu posicionamento, sua saúde, seus ganhos ou gastos, seu comportamento e qualquer informação que pudesse ser gerida para garantir um funcionamento social satisfatório para quem exerce o poder.

Como consequência desse controle, há uma relativização de fronteiras e diferenças – sejam elas culturais, raciais ou econômicas. Para Deleuze, “[...]: o controle não só terá que enfrentar a dissipação das fronteiras, mas também a explosão dos guetos e favelas.” (Deleuze, 2007, p. 224). A sociedade de controle motiva uma competição entre as pessoas, talvez algumas diferenças físicas e sociais ainda sejam utilizadas como parâmetro, mas não faz sentido falar em fronteira ou em desvalorização de cultura. O mundo do controle é integrado, porém, ainda sofre com o medo. É interessante pensar que se o controle fosse perfeito, não faria sentido ter medo; ninguém precisaria se precaver de ataques terroristas, as bases de dados saberiam caso alguém tentasse cometer um crime. Porém, como coloca Rogério da Costa:

Nenhuma forma de poder parece ser tão sofisticada quanto aquela que regula os elementos imateriais de uma sociedade: informação, conhecimento, comunicação. O Estado, que era como um grande parasita nas sociedades disciplinares, extraindo mais-valia dos fluxos que os indivíduos faziam circular, hoje está se tornando uma verdadeira matriz onipresente, modulando-os continuamente segundo variáveis cada vez mais complexas (COSTA, 2004, p. 163).

As discussões em relação à migração que afligem as populações dos países que até então eram soberanos ficam cada vez mais frequentes. A população que sempre se entendeu como superior perde força e tende a se aproximar das outras, ela não está protegida e nem temida. Faz cada vez menos sentido falar em colonização, as pessoas do século XX já são misturas, sejam elas de etnias, culturas, informação, relacionamento. Fala-se em uma

sociedade mais horizontal, uma sociedade que não precisa de um modelo, que não precisa ser fecundada. Mas, apesar disso, existe um campo de tensão que coloca em disputa as fronteiras defendidas pelos estados e o fluxo das redes, que dissipa a ideia de localidade e distinção.

## 2. Biopolítica e imigração

Como dito anteriormente, esse artigo se propõe a pensar as incertezas a respeito da imposição cultural histórica, o colonialismo e o imperialismo europeu, apontando uma contradição imposta historicamente de centralização do poder e contrapondo o modus operandi da sociedade disciplinar e das instituições – Foucault (2014b), a partir do século XVII. Essas instituições seriam responsáveis pela normatização da população para que se enquadrassem no esquema de trabalho capitalista e que reforçassem a soberania do homem branco, cristão e ocidental.

Foucault propõe em suas análises uma descentralização do poder soberano (o Estado) em *micro-poderes*, responsáveis por disciplinar o corpo dos indivíduos potencializando sua capacidade de funcionamento enquanto máquinas trabalhando pela indústria. Ainda em relação ao corpo, o autor propõe uma organização do corpo coletivo através do *biopoder* – conjunto de técnicas que promovam um controle populacional através da subjugação de corpos. Esse conceito foi cunhado a partir da percepção do homem como pertencente à espécie humana e o reconhecimento da existência de um corpo que o incluiria nessa categorização:

Mais precisamente, eu diria isto: a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos. E, depois, a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença etc. (FOUCAULT, 1999, p. 291)

Vamos citar brevemente algumas instituições e ideias propostas por elas que até hoje influenciam o modus operandi da sociedade. Inicialmente a igreja: a religião ensina o que é certo e como as pessoas devem agir civilizadamente negando seus instintos e os prazeres do corpo. O homem para obedecer e trabalhar deve negar o animal, era necessário um controle do Estado sobre esse homem, para isso deve-se afastar o indivíduo social do bárbaro e promover uma convivência dócil entre os integrantes de um país. Para amenizar a angústia da

repressão sexual, a igreja oferece a prática do confessionário: o indivíduo é punido por seus pecados, inclusive de pensamento, mas pode falar sobre eles, sobre seu instinto.

Além da igreja, o *biopoder* (Foucault, 2014a) também controla o corpo da população. Práticas como controle de natalidade foram utilizadas para que o governo pudesse gerir o povo de uma maneira vantajosa para o poder. Os hospitais seriam outra instituição com poder de limitação, as pessoas são internadas ou isoladas por alguma doença, políticas de prevenção para que o trabalhador esteja saudável e possa exercer sua função por mais tempo. Os manicômios ou as clínicas de psiquiatria ou psicanálise também moldam o indivíduo para que ele seja normal nos padrões impostos a ele. Segundo o autor:

[...] é necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos, a precocidade e a frequência das relações sexuais, a maneira de torná-las fecundas ou estéreis, o efeito do celibato ou das interdições, a incidência das práticas contraceptivas. (FOUCAULT, 2017, p.29)

As escolas também exerciam o papel de normatização: todos eram educados para entenderem o mundo de determinada maneira e funcionarem de acordo com as necessidades do capitalismo. Ainda hoje é muito comum se falar em ensino profissionalizante, facilidade de acesso ao mercado de trabalho, parece que o ensino tem como única prioridade a formação de força de trabalho. O ensino ainda é pautado na influência norte americana e europeia e muitas vezes é transmitido de maneira tendenciosa.

Os discursos disciplinares que enaltecem a cultura branca, cristã e ocidental serviram como base argumentativa para a colonização e, em anos mais próximos, para as guerras. Por muito tempo foi considerado certo criar uma guerra para salvar uma nação ou uma cultura, já que o que era diferente era visto como errado – e para os governantes, como ameaça.

Grégoire Chamayou (2015) sugere que a relação política que explicava a consolidação da guerra era como uma troca: o soberano oferece proteção e o súdito deveria obedecê-lo. Por esse motivo, quando uma nação entra em guerra, é função do súdito proteger o soberano, já que a sensação dessa relação de poder hierárquica é de que o detentor do poder sempre faz muito mais pelo povo do que o povo por ele. Essa relação política foi adaptada e continuou a ser empregada em democracias liberais que:

[...] desenvolvem síndromes ‘de aversão pelas perdas’, não é porque, como se acredita, elas atribuem um valor por demais elevado à vida de seus cidadãos, mas, ao contrário, porque já não dispõem senão de um conceito muito pobre do que é a vida, segundo o qual preservar a vida física prevaleceria a qualquer preço, mesmo em detrimento da natureza dos meios empregados, sobre a

salvaguarda de uma vida ético-política superior a esta. (CHAMAYOU, 2015, p.198)

O autor trabalha com a passagem do poder ultracentralizado para uma democracia nos moldes presentes hoje na sociedade que mantem a centralização, se baseia em instituições e estabelece um padrão normal. Mas essas formas de governo concentradas não parecem suficientes para satisfazer a sociedade pós-moderna (termo utilizado na sociologia para designar o período pós queda do muro de Berlim e o conseqüente fortalecimento do capitalismo). A população começa a questionar a violência e a guerra, o governo, com suas bases nas práticas do biopoder, busca aparentar uma preservação da vida a qualquer custo sem necessariamente valorizá-la.

Chamayou traz exemplos de tecnologias que foram implantadas com a justificativa de preservar vidas, apesar de continuar fazendo guerras. É o caso dos drones que amplificam o poder de aniquilação e dão uma sensação de cuidado com as vidas, tanto enquanto extensão evitando mortes em combates como da mente do operador que parece sentir-se inocentado das mortes que causa por não estar no local ou próximo do corpo que seria morto.

Mas os questionamentos propostos em sua obra parecem enfrentar barreiras maiores do que a pontual preservação da vida. Parte da população parece não estar mais disposta a praticar a guerra em diversas partes do mundo, especialmente se o alvo dessa violência for um diferente. Para amenizar esses problemas, governos hoje partem para um discurso de imposição do medo, seja ele fomentado por questões sociais ou econômicas, gerando uma corrente de insatisfação com a abertura de espaços e projetos de inclusão e uma tendência conservadora por outra parte da população.

Porém, existe uma vertente atual que considera a fomentação de diferenças como a insatisfação advinda do modo de vida e trabalho capitalistas. Com a popularização da internet, há a possibilidade de se aproximar de culturas e populações diferentes das suas e parece haver uma tendência de identificação dos seres humanos e uma preocupação com o planeta. Uma certa propensão à uma unificação que parece um reflexo do conceito de rede na globalização e que se opõe à centralização imperialista. Ainda no exemplo dos drones: os alvos principais são a periferia, os estrangeiros e as fronteiras, mas qualquer um poderia ser uma vítima, afinal, as diferenças apontadas como razão para perseguições e chacinas ao longo da história parecem cada vez mais inconsistentes na sociedade atual – o único motivo que parece sólido é a vontade do poder soberano.

Hardt e Negri (2005) apontam em sua obra diversos movimentos que se organizavam contrários ao poder soberano. Para eles, esses movimentos foram criando espaços e aberturas no sistema e, apesar de acabarem propondo novos sistemas de poder semelhantes apenas substituindo o grupo vigente por um grupo insurgente, esses movimentos estariam evoluindo ao longo da história e propondo novos modos de organização menos centralizados.

Para esses autores, o resultado dessa evolução histórica de luta contra o poder deu origem à multidão, termo que representa o sujeito comum, o objeto que daria origem ao capital coletivo:

Quando dizemos que não queremos um mundo sem diferenças raciais ou de gênero, e sim um mundo no qual a raça e o gênero não importem, ou seja, um mundo no qual não determinem hierarquias de poder, um mundo no qual as diferenças possam expressar-se livremente, estamos exprimindo um desejo da multidão. (HARDT e NEGRI, 2005, p. 141)

As redes têm grande responsabilidade no cunho do conceito de multidão. A proposta de descentralização, horizontalização e cooperativismo parte da ideia da rede. Essa concepção atual é uma das consequências da crise das instituições que dominaram a sociedade ocidental por muitos séculos. A população passa a questionar a soberania. A multidão apresenta novas formas de organização: mais liberal, igualitária e democrática. Um indivíduo branco, cristão e ocidental como padrão global não satisfaz a multidão, e com isso se cria um ideal de minimização da diferença, afinal, só existe o outro diferente se existe um eu normal moldado pelas instituições.

Para entender como a internet potencializa esse ideal da rede, podemos citar David LeBreton: “Basta entrar na rede, e o espaço cibernético abre um mundo sem corpo, sem interioridade e puramente superficial” (LEBRETON, 2013, p. 143). O autor fala do corpo como sendo descartável, o corpo pós-humano que perderia valor com o advento tecnológico. Apesar de não entendermos o corpo como um resíduo, essa visão converge com a busca de igualdade das multidões, já que a diferença física teria ainda menos importância que a presença do corpo físico. “O indivíduo imediatamente mergulha num mundo do qual não tem de temer os reverses e do qual se apropria brincando, não tem mais coerções espaciais ou geográficas.” (LEBRETON, 2013, p. 144)

Para LeBreton, o ambiente virtual é um ambiente real do qual o corpo não consegue se apropriar. Se as organizações atuais ocorrem em rede a fim de contrapor algum regime, sistema ou regra vigente no mundo real e o corpo não consegue se apropriar desse ambiente

da rede, não faria sentido defender diferenças corpóreas – como a cor, a cultura ou a geografia – como motivos que afastassem seus envolvidos. Parece existir um movimento de união a partir de ideais, momentos ou acontecimentos que aproximem essas pessoas independentemente de seus posicionamentos políticos ou diferenciais corpóreos nesses novos movimentos.

### 3. Arte e descentralização

Apresentamos acima um campo de tensão, em que observamos o funcionamento da sociedade disciplinar e da sociedade de controle ao lado de mecanismos de fissura, seja na manutenção do poder, como no caso dos drones, seja na proposição de alternativas de organização e vivência, que é o caso da multidão. Agora, iremos elencar três propostas artísticas que dialogam com esse cenário, na medida em que trazem poéticas que propõem reflexões justamente para a questão do poder dentro e fora das redes.

Na peça *Pentecost*<sup>37</sup> (escrita em 1994 e remontada em 2014 em Nova York), o diretor britânico David Edgar cria uma narrativa em que uma descoberta de arte – uma parede em uma igreja em algum lugar no Balcãs que também serviu como uma mesquita, uma prisão, um armazém e um museu secular – por uma curadora do museu local, pode significar que a renascença teria começado cerca de um século antes e em uma direção bem mais oriental que a dos livros de história.

Muitas pessoas aparecem para se proclamar o descobridor da tal arte e existe um acadêmico norte americano que se propõe a provar que aquela arte não é tão antiga ou relevante. Ao longo da peça, um grupo que busca asilo faz o acadêmico refém e a narrativa deixa de ser uma ficção e passa a abordar problemas bastante reais. Muitas vezes durante a atuação é mencionado o mito da Torre de Babel, história mítica utilizada para explicar a existência de diferentes idiomas e a população espalhada pelo globo. Essa torre seria uma prova da rebeldia do homem que, quando ordenado a povoar toda a superfície terrestre, construiu um monumento que legitimasse sua existência como povo e que alcançasse os céus para mostrar seu poder. Deus teria ficado bravo e confundido suas línguas para que não pudessem se comunicar e se fortalecer.

---

<sup>37</sup> Revisão sobre a peça no *The New York Times*, em 2014. Disponível em: <[http://www.nytimes.com/2014/07/19/theater/david-edgars-pentecost-revived-by-ptp-nyc.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2014/07/19/theater/david-edgars-pentecost-revived-by-ptp-nyc.html?_r=0)>. Acesso em 20 mar. 2017.

Podemos entender esse apego ao mito durante a obra como uma crítica à tendência de unificação através da sobreposição das culturas e a soberania dos padrões ocidentais como a única saída para o triunfo do homem sobre o criador – não no caso da obra bíblica, que foi escrita no oriente, mas na imposição do colonialismo europeu. A dificuldade de comunicação dos atores durante a peça estaria sugerindo que essa unificação seria a única solução para a vitória humana e por isso justificaria a imposição europeia e norte americana e que essa solução seria terrível e turbulenta, mas o título da obra sugere um ponto de vista mais otimista, já que retoma a passagem bíblica em que o Espírito Santo aborda os apóstolos e faz com que se entendam independentemente do idioma utilizado durante a comunicação.

O motivo para retomar essa peça neste artigo está relacionado à incerteza histórica. Grande parte da sociedade ocidental atual é baseada em fatos e numa soberania cultural que podem ter sido impostos ao longo dos anos. Na peça de David Edgar, há uma crítica direta a esse domínio ocidental, branco e cristão que pareceu uma verdade irrefutável durante a história. Para o autor do texto encenado, os fatos concretos que sustentaram o passado do ocidente podem ser unicamente falta – ou dissimulação – de outras versões que os pudessem contrapor. David Edgar, assim como autores contemporâneos que tratam da relativização da abordagem histórica que é transmitida unilateralmente, questionam a versão da história que nos é passada e, com isso, algumas questões em pauta na contemporaneidade.



*Figura 1 - Pentecost de David Edgar, dirigido por Carlos Murillo – (DEPAUL'S MERLE RESKIN THEATRE, 2006) Disponível em: <<http://theatre.depaul.edu/on-stage/productions/20052006/PublishingImages/Pentecost%20Gallery/3.JPG>>. Acesso em 19 mar. 2017.*

Para ilustrar a questão, vamos apresentar mais duas obras de artistas que abordem o tema de maneiras diferentes. A escultura *Bleeding Takari II*<sup>38</sup> (Figura 2) do ganês El Anatsui<sup>39</sup> criada com tampas de garrafas e alumínio descartado de garrafas de licor nigeriano, é, segundo o autor, um elo entre a África, a Europa e a América do Norte, já que o álcool foi um dos produtos levados pelos europeus para troca em território africano e também por ter sido um dos motivos para levarem os escravos africanos para a América. A escultura é feita para não ser fixa, ela pode mudar de forma. As tampas vermelhas criam uma visualidade de sangramento.



Figura 2 - El Anatsui (b. 1944). *Bleeding Takari II*. Bottle caps, Mixed-media Assemblage. 2007 Disponível em: <[https://c2.staticflickr.com/6/5326/9987653705\\_c085419963\\_b.jpg](https://c2.staticflickr.com/6/5326/9987653705_c085419963_b.jpg)>. Acesso em 05 fev. 2017.

El Anatsui ilustra uma constatação do mundo contemporâneo em que a colonização e a escravização do povo oprimiram culturas e doutrinaram o ocidente a pensar que o homem branco e cristão com costumes europeus era superior e que o mundo só teria paz quando todos fossem iguais a esse padrão. Esse reflexo do imperialismo incomoda o artista que tenta

---

<sup>38</sup> Informações extraídas do site The Clark em matéria sobre a exposição de El Anatsui: <http://clarkart.edu/exhibitions/anatsui/content/exhibition.cfm>

<sup>39</sup> Artista de Gana nascido em 1944.

retratar suas consequências nas culturas dominadas. Provavelmente, muito do que foi incorporado às culturas que foram colonizadas ou exploradas já são aceitas como parte de seus países, mas o movimento desse artista é o de reconhecer os custos dessa imposição. Para El Anatsui, as garrafas já fazem parte da construção dessa cultura, porém é imprescindível reconhecer as perdas físicas e materiais dessa incorporação. Para ele não é necessário negar o presente, mas valorizar e respeitar aquilo que foi perdido no processo.

Em outra linha artística, a performer Priscilla Davanzo também abordou essa imposição estrangeira. Em 2015, a artista recebeu tatuagens em seu corpo (Figura 3) que formavam um mosaico de azulejos portugueses sugerindo uma sobreposição cultural. Durante a performance, a artista discutia suas ideias sobre questões da diáspora, da mistura, da mudança, da aventura com os visitantes do Sesc Santana em São Paulo e da Bienal da Maia em Portugal<sup>40</sup>. Priscilla Davanzo é brasileira e, segundo ela, uma mistura como qualquer outra pessoa do Brasil. Apresenta um interesse por Portugal por ter uma descendência próxima e por fazer parte de seu aprimoramento acadêmico, já que foi se especializar no país. Para esse trabalho ela também aborda a questão da colonização portuguesa e, mais uma vez, da imposição e da sobreposição cultural.

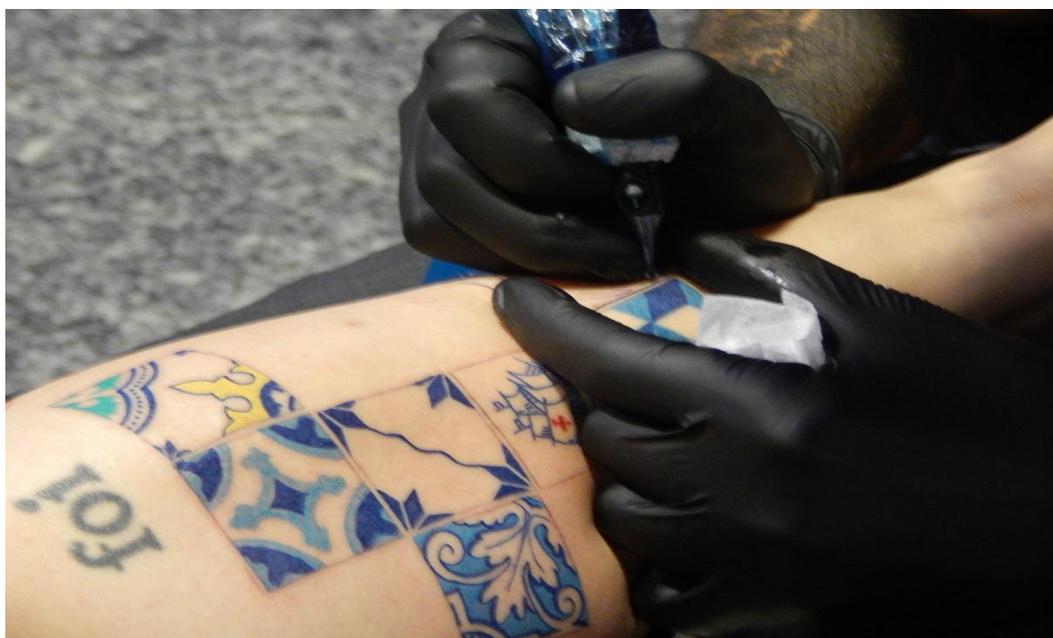


Figura 3 - Cada janela é uma paisagem diferente – uma performance duracional de Priscilla Davanzo Disponível em: <<https://www.behance.net/gallery/28537767/cada-janela-uma-paisagemdiferente>>. Acesso em 10 mar. 2017.

---

<sup>40</sup> Informações extraídas do perfil pessoal da artista no site Behance:  
<https://www.behance.net/gallery/28537767/cada-janela-uma-paisagem-diferente>

#### 4. Conclusões

Podemos perceber nos exemplos citados acima uma mobilização social que questiona as imposições históricas, há um desconforto por parte desses artistas. Quando Priscilla Davanzo tatua permanentemente em seu corpo um símbolo de uma outra cultura, ela parece questionar a imposição cultural, mas ao mesmo tempo integrar sua condição atual com as influências importadas. Existe uma importância na construção atual dos indivíduos dos efeitos da colonização, do capitalismo e da globalização, mas as diferenças apresentadas na sociedade parecem caminhar para uma construção do indivíduo e de sua identidade, enquanto perde força de relevância em uma construção social.

Na obra de El Anatsui, podemos perceber um rancor por parte do explorado, ressaltando as cicatrizes deixadas pela imposição, mas da mesma maneira que a performance de Priscilla, utiliza o alumínio para a execução de suas esculturas, já que o material foi incorporado na África assim como muitas outras influências que hoje fazem parte do local.

O mesmo movimento é percebido na crítica de David Edgar: a soberania foi imposta, as pessoas não conseguem se comunicar e as diferenças são ressaltadas, mas o título sugere que seria o momento de começarmos a entender a língua do outro, agora que todos somos diferentes, encontrar um ponto de convergência que caminhe para uma sociedade livre, que não veja as diferenças corpóreas, mas as proximidades ideológicas e que possa lutar por ideais de igualdade e democracia.

A multidão deve encontrar esse espaço de unificação e descentralização através dos ideais comuns, sem que haja uma preocupação com as diferenças corpóreas, afinal, o corpo é o que todos temos em comum, é o que nos faz sentir as mazelas dos outros, e não o que diferencia a população. Assim, o que podemos observar é que as manifestações artísticas selecionadas dialogam com um campo de tensão que coloca entre dois extremos os mecanismos de controles disciplinares que condicionam o indivíduo a um determinado tipo de comportamento ainda disciplinado a um território e a uma centralidade, e do outro um movimento de fluxos e forças que, ainda que produzam novos tipos de controle, permitem reorganizações em rede, onde se verifica transformações no modo de ver e sentir os corpos, que, como vimos, para Hardt e Negri (2005) podem unir os indivíduos na multidão.

Em certa medida, a corporalidade estendida apresentada pelos artistas (seja na ideia de nacionalidade, fluxo comercial ou origem) remete a esse debate contemporâneo que inclui

questões urgentes como o aumento do número de refugiados, o controle de fronteiras e a reorganização econômica do trabalho.

## REFERÊNCIAS

CHAMAYOU, G. **Teoria do Drone**. São Paulo: Cosac Naif, 2015.

COSTA, R. da. **Sociedade de controle**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 161-167, Mar. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010288392004000100019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010288392004000100019&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 07 fev. 2017.

DELEUZE, G. **Conversações: 1972 – 1990**. São Paulo: Editora 34, 2013.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

\_\_\_\_\_. **A história da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**. Trad. Mana Ermantina Galvão – São Paulo: Martins fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 2014b.

HARDT, M.; NEGRI, A. **Multidão**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LEBRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papyrus, 2013.